

PRÓLOGO

*A*ntes de um crepúsculo dourado finalmente cair sobre as várias casinhas que se apertavam ao final da rua, ele parou em frente à porta brilhante. Seus olhos estavam vidrados no que pareciam ser finíssimos flocos de neve, que caíam devagarzinho sobre a grama aparada e sobre a sebe bem cuidada. Ofegante, ponderou se deveria dar mais uma volta inteira no quarteirão – um caminho que perfazia quase quatro quilômetros. A rua, apesar das camadas brancas e granuladas que cobriam as estreitas calçadas e postes, não estava deserta.

Dois ou três veículos atravessaram a comprida passarela e estacionavam no meio-fio. Muitas pessoas dividiam o apertadíssimo espaço das lojinhas de vitrines iluminadas, enquanto outras saíam abarrotadas de sacolas e presentes. Rodrigo suspirou e, correndo os olhos vagorosamente pelo outro lado da rua, percebeu o mesmo ambiente de sempre. Os pinhais antigos não passavam de simples borrões dispersos no meio do entardecer de inverno. E foi naquele ponto que viu o sol ainda brilhando no horizonte, praticamente escondido por detrás das poucas nuvens de algodão.

Paloma.

Em geral, ela adorava ficar encolhida e segurando os próprios joelhos, no instante em que a tarde desabava e, bem de fininho, uma lua magicamente prateada emergia das sombras para encher de vida as mais graciosas noites. Rodrigo costumava surpreendê-la com um assovio baixinho, que fazia com que ela distraidamente apertasse os lábios num sorriso engraçado. Um sorriso iluminado que revelava o quanto ela o amava e desejava – de todas as formas que uma mulher particularmente apaixonada poderia desejar – e da mesma maneira que denunciava que ela entregaria parte de sua vida para acompanhá-lo até o fim.

Rodrigo entendia o amor de Paloma e obviamente se esforçava o bastante para dar a ela melhores dias e felizes lágrimas, especialmente quando ambos acordavam cedinho, em datas especiais, e Paloma se sentia como num filme romântico e sonhador, cercada de amor, flores... e um príncipe. Sim, um príncipe para chamar de seu. Um príncipe que, enquanto fechasse os olhos e o beijasse vagorosamente nos lábios açucarados, não seria refém de nenhuma transformação mágica, mas conservaria os mesmos traços familiares e atraentes de outrora.

Pensando no quanto tudo estava bem e muitíssimo claro, Rodrigo desceu correndo uma estreita avenida sem movimento e ladeada por mais áreas comerciais e, no mesmo instante em que o fez, acompanhou o curso natural da brisa gélida de ar que rebuscava a sua expressão serena e acentuava ainda mais o seu porte atlético e musculoso, admirado até mesmo à vista quase enevoada, mas ainda ousada, das senhoras que frequentemente conversavam à beira das calçadas de pedra por onde passava, sem se importar com nada disso. Certa vez, Rodrigo havia comentado com Paloma sobre uma cantada que uma das mulheres, que devia ter um pouco mais de sessenta anos, tinha anunciado quando o viu dar um retorno brusco a fim de evitar qualquer comentário. *Um monumento com pernas musculosas e rostinho de bebê.* Rodrigo deu uma risadinha gostosa e voltou para casa se sentindo mais jovem do que efetivamente era – seus vinte e oito anos nunca pareceram tão valorizados.

Não que Rodrigo se gabasse por isso, é claro, mas aquilo foi divertidíssimo.

Enquanto era visto como o colírio para as senhoras, ele decidia se seguia correndo em velocidade por aquele *mar de cantadas* ou se dobrava à direita. A escolha de última hora sempre acabava sendo uma péssima ideia, porque dava adeus às velhinhas e, então, as moças com rostos marcados por maquiagens negras, vestidos exuberantes e gritinhos exagerados surgiam desfilando pelas outras calçadas estreitas da cidade. Mas sobre isso, ele nem se atrevia a comentar com Paloma. Como se a visão de mulheres mais jovens e lindas provocasse nele algum tipo de excitação e desejo. Até acontecia, algumas vezes, mas não era exatamente isso. Rodrigo gostava de admirar a beleza feminina – não seria tão hipócrita para negar –, mas alguma coisa na maioria delas não atraía sua curiosidade e atenção, ainda mais quando tinha alguém interessante como Paloma.

A sua Paloma.

O entusiasmo que Rodrigo dedicava a certas coisas particulares da vida era dela, e Paloma podia se orgulhar muito de tê-lo ao seu lado, porque ele sabia valorizar todos os esforços que ela também dedicava ao relacionamento sólido que haviam construído. Um amor como o deles, e isso estava na cara de qualquer um que quisesse observar, não era difícil de construir, embora alguns consideravelmente comentem que o relacionamento de Rodrigo e Paloma parece interessante até demais para ser verdade. O segredo que os dois compartilhavam para manter um romance duradouro e feliz era simples. Ele podia até fazer, sem dificuldade, uma lista de motivos para demonstrar que não havia mistério.

Bastava encontrar alguém que fizesse a sua vida ter algum sentido.

Simples assim.

Então, por que as pessoas tinham sempre que complicar tanto?

Quer dizer, mesmo que ninguém consiga prever a saúde de um relacionamento – porque nada é tão previsível, não é? –, ainda assim é possível preservá-lo como se pode.

Puxa vida, não deve ser tão complicado!

Ele continuou a sua corrida, imaginando se, algum dia, consideraria a hipótese de amar alguém de maneira tão verdadeira. Pela segunda vez. Um pensamento meio bobo que surgiu do nada, só isso. Rodrigo deixou que o pensamento se afastasse lentamente e desaparecesse à sombra do seu próprio cansaço. Por sinal, as pernas tinham começado a ficar dormentes e dar fisgadas num ponto logo atrás da coxa direita. Rodrigo percebeu a distância que havia percorrido e, orgulhoso pelos vinte metros a mais que o dia anterior, voltou para casa, pensando na noite incrível que teria ao lado de Paloma.

A sua adorável Paloma.